

Os possíveis impactos das safras de 2025 e 2026 nos preços!!

No mês de março/2025, o café Arábica, na ICE Futures US (Bolsa de Nova Iorque), que iniciou o mês com o fechamento do primeiro dia de negócios em 386,65 cents/lb, para dois dias depois, trocar de mãos na máxima de 418,55 cents/lb, encerrou o mês com fechamento em 379,75 cents/lb, portanto, um mês baixista. Já na ICE Futures Europe (Bolsa de Londres), o Canephora (Robusta/Conilon), que iniciou com o fechamento do primeiro dia de negócios em USD 5.444,00/ton, para dois dias depois, trocar de mãos na máxima de USD 5.693,00/ton, encerrou o mês em USD 5.295,00/ton, portanto, assim como para os Arábicas, um mês baixista também para os Canephoras. Os motivos desses movimentos nas principais Bolsas de café do mundo com algumas perspectivas futuras, a seguir...

Análise Gráfica – Café Contrato C – ICE Futures US – Jan/25 a Abr/25)



Fonte de dados: Investing.br

Análise Técnica: Fundação Procafé, 03/04/2025

Fechamentos - Mês de Março/2025

DESCRIÇÃO	MÍNIMA	MÁXIMA	ÚLTIMO DIA DO MÊS
Café CD, B/C, bebida mole, tipo 6 (R\$/sc)	R\$ 2.570,00	R\$2.780,00	R\$ 2.650,00
Café B/C, bebida dura p/ melhor, tipo 6/7 (R\$/sc)	R\$ 2.450,00	R\$2.660,00	R\$ 2.530,00
Café B/C, bebida rio, tipo 7 (R\$/sc)	R\$ 2.050,00	R\$2.300,00	R\$ 2.180,00
Café Conilon, B/C, tipo 7/8 (R\$/sc)	R\$ 1.850,00	R\$1.950,00	R\$ 1.850,00
Bolsa NY - ICE US (cents/lb)*	377,20	409,95	379,75
Bolsa SP - [B] ³ - tipo 4/5 (USD/saca)*	461,50	510,70	483,80
Bolsa Londres - ICE Europe - Canephora (USD/ton)**	5.295,00	5.603,00	5.295,00
Câmbio - PTAX - USD/R\$	R\$ 5,6628	R\$ 5,8346	R\$ 5,7422

Fontes: Principais praças de café, [B]³, ICE Futures US, ICE Future Europe, BCB.

*Contrato/Vencimento: Maio/2025

**Contrato/Vencimento: Julho/2025

FATORES DE SUSTENANÇA (ALTA)

No mês de março/25, as cotações do café, tanto na Bolsa de NY quanto de Londres, apresentaram correção negativa. Em um mês de muita volatilidade e aversão ao risco, os fatores de pressão prevaleceram sobre os fatores de sustentação. Apesar disso, o atual cenário de aperto no abastecimento a nível global, com estoques extremamente críticos, tanto nas origens produtoras como nos países consumidores, deve seguir minando um declínio mais acentuado nos preços até que haja alguma alteração mais concreta no quadro de escassez de café que o mundo vem sofrendo.

Quanto aos fundamentos, a novidade do mês de março fica pra dados da Marex Solutions. Apesar do aumento estimado, pela Marex, em 13,9% para a safra brasileira 2025 de Robusta/Conilon (detalhado em fatores de pressão, logo mais abaixo), a safra brasileira 2025 de Arábica, estimada entre 38 e 42,1 milhões de sacas, deverá apresentar ligeira queda com relação à safra 2024. Ainda, de acordo com a Marex, a produção brasileira total, estimada entre 63,4 e 69,4 milhões de sacas para 2025, deverá ficar em linha com a produção de 2024, sendo esta oferta suficiente para atender à demanda de exportação e consumo no Brasil, mas não para a recomposição dos estoques, mantendo o mercado justo em termos de oferta e demanda, o que deixa o mercado ainda volátil e exposto às condições climáticas para a safra de 2026. Na contramão da Marex, que estima um excedente de 1,2 milhão de sacas para a temporada 2025/26, as estimativas da Volcafé e do Rabobank apontam déficit para o mesmo ciclo. De acordo com o Rabobank, a safra de café Arábica do Brasil terá uma “redução significativa” em 2025/26 na comparação com o ano anterior devido ao tempo quente e seco no ano de 2024 que afetou o pegamento da florada. Os números serão divulgados em breve, acrescentou o relatório, afirmando que as chuvas retornaram em outubro/24, mas as regiões produtoras voltaram a ter condições adversas em fevereiro e parte de março deste ano. O Rabobank acrescentou que, apesar do clima ruim em Rondônia, a produção brasileira de Canephora deverá crescer em 2025/26. Na temporada anterior, segundo estimativa do Rabobank, o Brasil colheu 67,1 milhões de sacas, sendo 44,1 milhões de Arábica e o restante de Canephora. Além disso, é válido lembrar que a Volcafé reduziu sua estimativa de produção para o ciclo 2025/26 de Arábica no Brasil para 34,4 milhões de sacas, uma queda de 11 milhões em relação à sua estimativa do mês de setembro/24, o que coloca o balanço global entre oferta e demanda referente ao ciclo 2025/26, com um déficit de 8,5 milhões de sacas, marcando assim, o quinto ano de déficit global de acordo com a empresa. Já de acordo com a Safras e Mercado, a safra total de café no Brasil tem potencial para atingir de 62,45 milhões de sacas em 2025/26, o que, mesmo com o avanço da produção de Canephora (Robusta/Conilon), representa uma queda de 5% em relação à safra colhida em 2024/25. De acordo com a Safras e Mercado, o principal gargalo é justamente a produção de Arábica, com queda estimada em 15%. Tomando como referência esse conjunto de informações, é possível concluir que, até o momento, o ciclo 2025/26 está mais tendencioso a consolidar um volume menor do que o ciclo 2024/25. Além disso, confirmando o quadro de escassez global que o setor vive atualmente, é importante destacar que os números do último relatório de oferta e demanda global do USDA (Departamento de Agricultura dos EUA), publicado no mês de dezembro/24, indicam que a relação estoque%/consumo global para o final do ciclo 2024/25, anteriormente apontada em 15,11%, atualmente corresponde ao alarmante percentual de 12,42%, o que expõem o fato de que os estoques de passagem ao final do ciclo 2024/25 não serão suficientes nem mesmo para dois meses de consumo.

Os estoques certificados da Bolsa de Nova Iorque seguem caindo e este ano, até o dia 31/março,

já apresentava uma queda de 209.491 sacas de café. No último dia do ano de 2024, os estoques da Bolsa de NY estavam em 979.967 sacas de café ante 770.476 sacas no dia 31/mar, uma queda de 21,38%.

Após o recorde de exportações do ano de 2024 em função de uma demanda aquecida, no ano de 2025, as exportações também seguem em declínio. De um modo geral, as exportações globais de café esfriaram no início do ano de 2025 como apontam dados do último relatório publicado pela OIC (Organização Internacional do Café). Enquanto no mês de janeiro/24, as exportações globais de café totalizaram um volume de 12,488 milhões de sacas, em janeiro/2025, o volume global exportado totalizou 10,826 milhões de sacas. Já no Brasil, de acordo com o último relatório publicado Cecafé (Conselho dos Exportadores de Café do Brasil), em janeiro/25 foram exportadas 3,977 milhões de sacas, uma ligeira redução de 1,6% em comparação às 4,042 milhões de sacas exportadas em janeiro/24. Já no mês de fevereiro/25, foram exportadas 3,274 milhões de sacas de café, 10,4% a menos do que o mesmo mês do ano passado. Com a performance do mês passado, os embarques de café do Brasil subiram para 33,452 milhões de sacas no acumulado dos oito primeiros meses da safra 2024/25 (de jul/24 a fev/25), rendendo US\$ 9,723 bilhões. Ambos os desempenhos são recordes para esse período e implicam altas de 8,8% em volume e 59,8% em receita cambial na comparação com o mesmo intervalo de um ano anterior (de jul/23 a fev/24). Ainda, de acordo com o presidente do Cecafé, devido ao período de entressafra e à baixa disponibilidade diante o alto volume já comercializado e exportado do Brasil, tanto os Arábicas quanto os Canephoras brasileiros estão com preços menos atraentes em relação aos cafés de outras importantes origens produtoras, sendo este mais um fator que deve impactar o desempenho das exportações do Brasil, que podem seguir em menores volumes nos meses seguintes. Volume menor de oferta no Brasil, tende a dar sustentação aos preços no mercado interno como apontam os diferenciais de base a seguir. Restringindo mais ainda a oferta dos cafés brasileiros ao exterior, os desafios logísticos que persistem nos portos brasileiros, com elevados índices de atrasos de navios e rolagens de carga, já trouxeram grande prejuízo ao setor. Segundo o Cecafé, desde o início do levantamento do Cecafé, em junho de 2024, o prejuízo ao setor exportador de café brasileiro já chega a R\$ 57,7 milhões. Apenas em janeiro/25, frente aos atrasos, alterações nas escalas dos navios e rolagens de cargas, o Brasil deixou de receber USD 226,05 milhões (pouco mais de R\$ 1,3 bilhão), o equivalente a 2.037 contêineres, isto é, 672.113 sacas que não foram remetidas ao exterior em função dos gargalos existentes nos portos. O Cecafé ainda não divulgou seu relatório de exportações do mês de março/25 (a ser publicado no mês de abril), mas, de acordo com o Escritório Carvalhaes, até o dia 28/mar, os embarques totalizavam 2.631.469 sacas embarcadas, contra 2.675.823 sacas no mesmo dia de fevereiro. Até o mesmo dia 28, os pedidos de emissão de certificados de origem para embarque em março totalizavam 3.175.167 sacas, contra 2.901.178 sacas no mesmo dia do mês anterior.

Quanto aos diferenciais de base, conforme posto logo acima, os cafés brasileiros estão menos competitivos (mais caros) do que os cafés de outras origens. Isso se deve em função do alto volume de café da safra 2024/25 já exportado que, associado ao período de entressafra, culminam em uma baixíssima disponibilidade de estoques no Brasil. Para se ter melhor noção do quão estreito andam os diferenciais de base aqui no Brasil, no FOB Santos contra Bolsa de NY, um fine cup tipo 2/3 pen. 17/18 que há um ano estava -8 cents/lb, atualmente está em +20 cents/lb; um good cup tipo 3/4 pen. 17/18 que há um ano estava -15 cents/lb, atualmente está girando em torno de -2 cents/lb. Já no FOB Vitória contra Bolsa de Londres, um conilon, pen 13 acima, que há um ano estava com o basis a +USD 8,00/sc (com referencial na ICE Fut. Europe), atualmente está girando em torno de +USD 25,00/sc.

Apesar da aversão ao risco ocasionada pela política tarifária de Donald Trump, o setor cafeeiro do Brasil pode aproveitar determinadas oportunidades e ocupar algumas lacunas que a alta carga tarifária imposta, em especial, a países asiáticos como Vietnã e Indonésia, devem gerar. Muito embora o pacote de tarifas norte-americanas deva encarecer o café brasileiro nos Estados Unidos, as tarifas impostas aos asiáticos, em alguns casos, chegam a ser quase cinco vezes superiores às tarifas impostas ao Brasil, o que torna o café brasileiro mais competitivo do que os cafés destas origens. No dia 02/abril, Donald Trump anunciou as tarifas recíprocas que serão fixadas em aproximadamente metade da taxa que os parceiros comerciais dos EUA impõem sobre os produtos americanos. Por exemplo, se o Vietnã atualmente aplica uma tarifa de 90% sobre importações norte-americanas, os EUA responderão com uma tarifa de 46% sobre produtos vietnamitas. Além disso, Trump estabeleceu uma tarifa base de 10% sobre todas as importações de todos os países. No caso do Brasil, as tarifas serão de 10%. No caso do Vietnã, segundo maior produtor de café do mundo, as tarifas serão de 46%. No caso da Indonésia, quarto maior produtor de café do mundo, as tarifas serão de 32%. De acordo com o vice-presidente da VICOFA (Associação de Café e Cacau do Vietnã) e presidente da Intimex, Do Ha Nam, “esta situação é incompreensível. Uma tarifa de 46% é excessivamente alta e completamente inesperada para as empresas.” O Sr. Do Ha Nam enfatizou a urgência de negociações diretas com os EUA e enfatizou a necessidade de o Vietnã diversificar seus mercados fazendo uso total dos acordos comerciais com a UE, Japão e outros países. Desta forma, uma grande oportunidade para os cafés brasileiros pode estar surgindo no meio de todo o caos que vem sendo gerado pela nova política protecionista dos EUA. No entanto, é preciso acompanhar a situação por mais um tempo, pois além de renegociações que podem acontecer, é preciso entender, na prática, como se cumprirão e como serão calculadas as tarifas, só assim, será possível mensurar o real impacto desta medida norte-americana na economia mundial e, conseqüentemente, no mercado global de café. Dentro de todo esse contexto, caso a oportunidade realmente surja para os cafés brasileiros, é preciso estar preparado, o que não é fácil diante tantos desafios que a cafeicultura brasileira vem enfrentando, principalmente diante as adversidades climáticas e gargalos logísticos nos principais portos do Brasil.

No cenário econômico, o ambiente de aversão ao risco provocado pela política tarifária norte-americana, vem levando investidores a migrar seus investimentos para outros países. Apesar do sentimento de aversão ao risco que geralmente é negativo para os preços do café, mas que geralmente atua como um fator de valorização para a moeda norte-americana, o receio de recessão dos Estados Unidos, vem gerando uma crise de desconfiança no dólar americano. Com isso, o Índice do Dólar dos EUA (DXY - US Dollar Index), que mede o desempenho do dólar frente a outras seis moedas consideradas fortes, segue em um forte movimento de recuo. O DXY que no início de janeiro/25 chegou a romper a resistência de 110,00 pontos, hoje (03/abril) encontra-se a 102,09 pontos. Já a Ptax, hoje (03/abril), fechou a R\$ 5,6067, sendo este seu menor patamar no ano de 2025. A desvalorização do Dólar tende a dar sustentação às cotações nas principais Bolsas de café do mundo haja vista que a moeda de negociação nas referidas Bolsas é o Dólar e, diante sua desvalorização, o mercado tende a se tornar mais atrativo para a ponta compradora estimulando, assim, um movimento altista. Além disso, a desvalorização do Dólar frente ao Real tende a desestimular as exportações, o que também corrobora positivamente para as cotações do café nas Bolsas.

FATORES DE PRESSÃO (BAIXA)

No mês de março/25, apesar dos fundamentos seguirem positivos para os preços, o retorno das

chuvas no Brasil, a expectativa de safra volumosa para os Canephoras e a intensa aversão ao risco provocada pelas imposições tarifárias do novo presidente dos EUA pressionaram fortemente as cotações do café.

Quanto aos fundamentos, conforme detalhado em fatores de sustentação (logo acima), apesar de uma ou outra informação apontando superávit global, o quadro de escassez deve se manter, ao menos até o ciclo 2025/26. Apesar disso, é importante lembrar que, caso o clima seja favorável para a safra brasileira de 2026, cujas floradas ocorrerão no segundo semestre de 2025, pode ser que o mercado comece a precificar (para baixo) a safra de 2026 ainda este ano, mesmo que o quadro de escassez perdure até ano que vem. No mês de março, após o veranico que deixou o setor realmente apreensivo e que durou cerca de 40 dias, o retorno das chuvas trouxe certo alívio ao mercado, reduzindo as preocupações com os impactos da seca e das elevadas temperaturas nas lavouras cafeeiras. A Somar Meteorologia relatou que a maior área de cultivo de café arábica do Brasil, Minas Gerais, recebeu 31,1 mm de chuva na semana encerrada em 29/março. Apesar do retorno das chuvas, é importante notar que o veranico, sem dúvidas, ocasionou prejuízo na granação dos frutos para a safra brasileira deste ano, sendo mais uma perda para uma safra cujo potencial já era pequeno em função da seca associada às altas temperaturas enfrentadas entre abril e setembro do ano passado. Quanto ao ano que vem, conforme posto na Síntese do mês passado, de acordo com o Pesquisador da Fundação Procafé, Alysson Vilela Fagundes, mesmo que já exista preocupação com a safra brasileira de 2026, que já ficou prejudicada em crescimento e não deve vir com o potencial produtivo que viria caso não fosse o recente veranico, ainda existe possibilidade de uma safra grande ou, até mesmo, recorde para 2026. O fato das condições para a safra 2026 não começarem tão bem e de já terem provocado certo prejuízo, não significa que a safra de 2026 não será volumosa, pois ainda assim, é possível ter uma safra alta no ano de 2026 pelo fato de que, dado os problemas ocorridos nos anos de 2021, 2022, 2023 e 2024, existem muitas lavouras represadas, o que o leva à conclusão de que, até o momento, mesmo com os problemas já ocorridos, caso as condições climáticas sejam favoráveis daqui em diante, a safra de 2026 ainda tende a ser uma safra alta.

Outra novidade relacionada aos fundamentos no mês de março, foi o relatório da Marex Solutions estimando que o excedente global de café aumente de 200.000 sacas da temporada anterior, para 1,2 milhão de sacas na temporada 2025/26. O Relatório de Safra 2025 da Marex aponta uma estimativa de produção total de Robusta e Conilon entre 25,8 e 27,3 milhões de sacas para o Brasil em 2025, um aumento de 13,9% com relação ao ano passado. De acordo com a Marex, existe um consenso entre produtores e agrônomos entre os quais conversaram de que a expectativa é de uma safra recorde de Robusta/Conilon no Brasil, com estimativa de produção para o estado do Espírito Santo entre 18 e 19 milhões de sacas, Bahia entre 3,5 e 4 milhões, Rondônia estimada em 3,7 milhões o Mato Grosso em 600 mil sacas. De fato, a safra de Canephora é promissora para este ano, dados da Conab e de outras fontes confirmam tal fato. Ainda, de acordo com a Marex, a projeção para o ciclo 2025/26 do Vietnã, é que o país produza 28,8 milhões de sacas de Robusta, uma alta de 7,9% em relação ao ciclo anterior. Certamente, os dados da Marex aliados aos dados da Conab, que apontam um incremento de 17,2% para a safra brasileira de Robusta/Conilon deste ano, vem sendo determinante para a correção negativa que começou a se desdobrar no mês de fevereiro/25 e que, apesar da reação positiva vista em 05/mar, seguiu se intensificando no mês de março/25, de modo mais intenso na Bolsa de Londres. Além disso, ao passo que a safra de Robusta/Conilon brasileiro se aproxima, a pressão sobre as cotações na Ice Futures Europe pode se intensificar.

Apesar da possibilidade dos cafés brasileiros se tornarem mais competitivos frente a política tarifária anunciada pelo governo norte-americano, é preciso ponderar muito antes de se cravar que, esta condição será, de fato, benéfica para o setor cafeeiro do Brasil devido à tarifação superior que está sendo imposta a outras origens cafeeiras como o Vietnã e Indonésia. É preciso acompanhar por mais tempo para compreender como o aumento do preço, ocasionado pelas tarifas, irá impactar a demanda do maior consumidor de café do mundo (que é os Estados Unidos). É fato que a política tarifária norte americana juntamente com a inflação ligou o sinal de alerta das indústrias frente a possibilidade de queda no consumo. Os níveis recordes de preços já vinham deixando o mercado apreensivo com a possibilidade de retração da demanda. Conforme posto na Síntese do mês passado, a realidade é que aumentos significativos de preços para o consumidor final são inevitáveis. De acordo com uma matéria recente da repórter Charlotte Hughes-Morgan, da Bloomberg, indústrias europeias vêm travando uma queda de braço contra alguns supermercados e varejistas na tentativa de negociar o aumento dos preços. Algumas redes se negam a aceitar o aumento e optam por deixar as prateleiras de café vazias. Conforme posto pela repórter, enquanto os varejistas resistem aos esforços dos torrefadores para aumentar os preços em novas negociações, uma falta temporária de alguns produtos em certas redes vem ocorrendo em países como Alemanha e Holanda. Diante esse contexto, os receios de queda na demanda em função dos altos preços, segue mantendo as indústrias em alerta. Agora, com este novo fator tarifário, os receios de retração da demanda ficam ainda maior. Os Estados Unidos são o principal destino dos cafés do Brasil. No primeiro bimestre de 2025, importaram 1,206 milhão de sacas, o que equivale a 16,6% do total das exportações brasileiras, apesar de representar um declínio de 12,3% na comparação com janeiro e fevereiro de 2024. Vejamos se, diante o atual cenário de escassez e preços elevados, a demanda conseguirá manter sua característica de inelasticidade como vem sendo a décadas. No Brasil, até então, o aumento exponencial dos preços parece não ter afetado o consumo de café. De acordo com a ABIC, os brasileiros consumiram 21,92 milhões de sacas entre novembro de 2023 e outubro de 2024, um aumento de 1,11% em 12 meses.

Além das incertezas com relação ao comportamento do consumidor norte-americano diante o aumento dos preços ocasionados pela política tarifária de Donald Trump, a imprevisibilidade das reais consequências que este novo posicionamento comercial dos Estados Unidos deve gerar, eleva a volatilidade do mercado e gera um ambiente de extrema aversão ao risco, o que não é interessante para o café que é considerado um ativo de risco. Todo esse cenário de instabilidade, faz com que fundos de investimentos e especuladores liquidem suas posições em ativos de risco e migrem para ativos de maior segurança. No dia 25/março, os fundos de investimento e especuladores detinham um saldo líquido comprado de 58.452 contratos na Ice Future US (Bolsa de NY), um saldo que veio caindo desde a posse de Donald Trump, quando o saldo líquido comprado destes fundos estava em 74.291 contratos.

O comportamento de desvalorização do dólar segue refletindo a expectativa atual do mercado de que a nova política tarifária deve colocar a economia americana em direção à recessão. Ainda que Donald Trump tenha afirmado que as tarifas recíprocas sejam para proteger a economia norte americana, por ora, a percepção de grande parte dos economistas é que o país será o principal prejudicado. Com isso, os investidores estão levando seus investimentos para outros países. De acordo com o economista sênior do banco Inter, André Valério, se o impacto das tarifas for extenso, criando incertezas e desaceleração da economia, ao passo em que os Estados Unidos se isolem do resto do mundo, a tendência é observar a continuidade do movimento. De acordo com a Exame, o banco alemão Deutsche Bank alertou sobre o risco de uma crise de confiança

no dólar americano, informando que grandes mudanças nas alocações de fluxo de capital podem assumir o controle dos fundamentos da moeda e os movimentos cambiais podem se tornar desordenados. De um modo geral, em momentos de instabilidade e aversão ao risco, investidores tendem a liquidar suas posições em ativos de risco e migrar para ativos de menor risco, sendo a moeda norte-americana um dos principais ativos de segurança. Todavia, este pode ser mais um preceito a ser quebrado caso uma crise de desconfiança no dólar americano se concretize. Se por um lado, a desvalorização do Dólar tem peso positivo para as cotações do café nas principais Bolsas do mundo, no mercado físico interno, a queda do Dólar contra o Real acaba pesando negativamente na composição dos preços uma vez que impacta diretamente nos valores que os exportadores pagam aos produtores. No Brasil, além da tendência baixista internacional do dólar, o Real também se beneficia do elevado diferencial de juros entre a economia brasileira e americana, sendo um destino atrativo para parte desse fluxo. Hoje (03/abril), a Ptax fechou no nível mais baixo do ano, R\$ 5,6067.

A própria valorização de café nas Bolsas é outro fator de pressão para as cotações do café. Em 03/abr/24, a Bolsa de NY fechou em 200,85 cents/lb, um ano depois, (hoje – 03/abr/25), o fechamento foi em 385,25 cents/lb. Na Bolsa de Londres, não é diferente, as cotações que estavam em USD 3.176,00/ton há um ano atrás, hoje estão em USD 5.388,00/ton. Neste cenário, a necessidade de capital vem sendo muito além do que inúmeros players do mercado cafeeiro imaginavam, o que os levou ao esgotamento de seus caixas, carecendo de mais e mais recurso para margear os ajustes diários contrários às suas posições. Uma situação realmente desafiadora, que vem colocando muitos em saia justa e que, certamente, pesa não somente sobre os preços, mas para o mercado cafeeiro como um todo.

Tecnicamente, na Bolsa de NY, as cotações parecem ter se acomodado entre o intervalo de 365,00 e 410,00 cents/lb. O mercado parece estar aguardando algum fator de maior força para sair desse intervalo, seja com relação aos reais impactos da política tarifária do governo norte-americano ou, até mesmo, alguma novidade relacionada aos fundamentos. A grande questão é que, conforme pode-se perceber no gráfico da primeira página, as médias móveis estão abaixo das cotações se consolidando como importantes suportes que, se rompidos, podem dar início a um movimento baixista mais intensos com ativação de ordens de vendas por parte dos fundos de investimentos e especuladores.

MENSAGEM AOS CAFEICULTORES

Apesar do recuo das cotações no mês de março/25, os preços ainda devem permanecer em um patamar interessante para os produtores por mais um tempo em função do atual quadro de escassez que o setor segue enfrentando. Para o ciclo 2025/26, frente ao baixo volume de produção para este ano no Brasil, as quedas tendem a ser limitadas. Fundamentalmente, o que pode mexer de modo mais intenso no mercado é o potencial da safra brasileira para o ano de 2026. Diante as contínuas intempéries climáticas que culminaram em baixos volumes de produção nos anos de 2021, 2022, 2023, 2024 e 2025, existem muitas lavouras represadas. Assim, quando o último trimestre do ano chegar, transcorrido o período de seca e frio, caso as adversidades climáticas realmente deem um tempo, será possível vislumbrar de modo mais claro uma safra cheia para 2026. E muito embora apenas um ano de safra volumosa não seja suficiente para tirar os estoques dos níveis alarmantes em que se encontram, é possível que haja desmanche maior da posição adotada pelos players do mercado contra o risco da escassez, com

uma correção negativa mais intensa nos preços. Mas, como sempre, tudo a depender do clima. Produtor deve considerar as possibilidades para montar suas estratégias comerciais e seguir compondo suas médias em vistas potencializar suas margens.

Varginha, 03 de abril de 2025.

Analista: João Marcelo Oliveira de Aguiar.

Superintendente Executivo - Fundação Procafé